

# EDITORIAL

## **Virada Educacional e seus desdobramentos no campo da arte: críticas, revisões e propostas**

Este tema, “Atelier de Artista”, surgiu em finais de 2024, na rotina de reuniões do Grupo de pesquisa interinstitucional, Estudos Cromáticos. Desde as primeiras reflexões, esse tema se mostrou abrangente, interdisciplinar e profícuo para a pesquisa. Estas características foram determinantes para a orientação deste Dossiê da Revista Apotheke. Sua abrangência, como poderemos ver na coletânea de textos aqui presentes, abarca a práxis artística e suas transformações, procedimentos educacionais da arte na atualidade e em sua história, e estratégias de sociabilidades específicas do circuito artístico.

A abordagem que enfoca o Atelier é necessariamente interdisciplinar. Ela faz convergir campos de pesquisa e teorias provenientes de Processos artísticos, Educação, História, Filosofia, Sociologia, Antropologia da Arte, entre outros. É propriamente esta característica que permite olhar para o Atelier como este espaço de produção/criação múltiplo, onde o ambiente arquitetônico não é uma norma, e também não se estabelece como um lugar exclusivo de solitude. A coletânea de textos aqui presentes demonstra esta interdisciplinaridade nas abordagens.

Este é um tema profícuo porque pode ser investigado por diferentes perspectivas, como a de estudos de caso do atelier de um artista específico, passando por análises comparativas para a tipificação do atelier como lugar de criação. Até aquelas que enxergam no atelier categorias analíticas capazes de, talvez, cunhar novas definições para proposições artísticas, ou sugerir caminhos interpretativos. E esta diversidade de olhares sobre o atelier pode ser encontrada neste Dossiê.

Ateliê pode ser uma pequena mesa, uma maleta, um espaço improvisado, um trabalho itinerante. Entre tantos espaços, possibilidades e ideias, o trabalho artístico ultrapassa o lugar físico. Expande-se pela cidade, pelo mundo. Também se manifesta nas situações de troca e descoberta — uma revista pode tornar-se espaço de diálogo, especialmente quando reúne textos de diferentes origens e modos de ver, compondo uma configuração coletiva em movimento, um campo de reflexão sobre artes visuais em processo.

Pensar o ateliê significa considerar suas múltiplas dimensões: o gesto criativo, o encontro com paisagens e vivências, a relação com materiais, a formação, a história, e a própria arte. Muitas vezes, esse território fica um passo atrás, visto como menos relevante que a obra concluída. No entanto, é justamente ali que o artista pode fazer e desfazer, errar, desistir, recomeçar, encontrar caminhos — um espaço onde convivem dúvidas, tentativas e descobertas.

Nesse contexto, surgem desejos e impulsos que nem sempre encontram condições ideais, mas que abrem possibilidades de trocas frutíferas. Universidades, artistas-pesquisadores e processos de ensino-aprendizagem formam um campo vivo, onde textos e palavras acessíveis funcionam como convite ao diálogo, e não como barreiras.

Reunir textos sobre o ateliê é também criar um espaço de encontro: uma forma de adentrar territórios pertencentes a outros artistas por meio de seus olhares, caminhando juntos por diferentes tempos e lugares.

Édouard Glissant, ao escrever sobre os arquipélagos, afirma: “Os arquipélagos possuem a propriedade de disfratar, eles produzem uma expansividade, são espaços de relação que admitem todas as incontáveis particularidades do real.” (In: Obrist, Hans Ulrich. *Conversas do arquipélago*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2023, p. 22).

Que esta edição funcione também como esse arquipélago: múltiplo, aberto e em relação. Nesse sentido, o presente volume inicia com os artigos aprovados para a seção Temática, que apresenta primeiramente o texto **Ateliê e vivência da cor: Processos artísticos com pigmentos naturais**, autoria de Taís Cabral Monteiro e Bianca Stella, no qual investigam processos artísticos e materiais, explorando técnicas de extração de corantes e pigmentos naturais para produções autorais em pintura e instalação. As autoras destacam que a coleta de fontes vegetais e minerais dialoga com a vivência do artista no território, evidenciando seus deslocamentos e percursos por fontes diversas, desde a cor das terras, visíveis nas paisagens, passando por jardins, hortas, parques e mercados, até as minas de extração em grande escala e que nas transformações cromáticas, também é possível revisitar dimensões culturais, históricas e políticas, que revelam como a produção das tintas acompanha as mudanças sociais e tecnológicas ao longo do tempo.

Em seguida, Fernando Cidade Broggiato, no artigo intitulado **Ateliês**, apresenta uma reflexão sobre a diferença entre visitar um ateliê e visitar sua recriação dentro de um museu e entre ver uma obra no ateliê do artista e em vivenciá-la em um espaço museológico. Tem como ponto de partida a transposição de três ateliês de artistas em espaços museológicos: o ateliê de Piet Mondrian, na 22a Bienal de São Paulo, em 1994; o ateliê de Jackson Pollock, no MoMA, em Nova York, na ocasião de sua mostra retrospectiva, em 1998; e o ateliê de Francis Bacon, em The Hugh Lane Gallery, em Dublin, aberto ao público em 2001. O texto também traça algumas observações sobre mudanças que o espaço onde o artista trabalha sofreu com o tempo, no ocidente, desde o Renascimento, e como isso é representado pelos termos mais utilizados atualmente.

Por sua vez, Giovana Moura Domingos e Gisela Reis Biancalana em **Casa Minos: um ateliê-lar** abordam reflexões sobre a vida pulsante da Casa Minos, um ateliê de artista que completa, em 2025, um ano de existência em estado de arte. O objetivo da Casa é promover um espaço de viver e de experimentação, estudo, pesquisa e partilhas na arte contemporânea. Metodologicamente, a prática artística na Casa sustenta-se pelo paradigma da pesquisa performativa debatida por Brad Haseman. Como produções artísticas, entre tantas já desenvolvidas nesse espaço, o texto recorta a prática de lambe-lambe e a experiência de exibir a videoperformance “Para o silêncio” no Festival Treta.

Na mesma seção, **Casa-ateliê: Habitar, criar, resistir** autoria de João Victor Elias e Marta Lúcia Pereira Martins, investiga a relação entre o espaço da casa que também é ateliê e o processo criativo de artistas que compartilham, nesse mesmo ambiente, suas experiências de moradia e de trabalho artístico. Para tanto, foram entrevistadas as artistas catarinenses Celaine Refosco e Nara Guichon. Além de realizados registros fotográficos desses espaços, com o objetivo de compreender como os modos de habitar influenciam a produção artística e de que forma os limites entre vida cotidiana e prática artística se entrelaçam nesse contexto.

Na sequência, é apresentado o texto de Taís Cabral Monteiro e Danielle Noronha Maia, intitulado **Conversas no ateliê – a cidade como laboratório**. O artigo investiga o ateliê do artista como um dispositivo expandido e fluido, que ultrapassa o espaço físico e se manifesta nos deslocamentos, na atenção e na presença deste sujeito em seu entorno. A cidade, por sua vez, atua não apenas como cenário artístico, mas como agente ativo da formação e do processo criativo. Por outro lado, em contraponto ao ritmo urbano, os estúdios configuram-se como espaços de suspensão do tempo, nos quais a experiência poética assume centralidade, mais do que o resultado material da obra. As autoras refletem sobre os desafios de se produzir arte em contextos de economia relativamente escassa, articulando suas trajetórias acadêmicas e afinidades pessoais.

Por sua vez, Maria de Fátima Junqueira Pereira, Gustavo Henrique da Silva Weber e Bianca Stella, no trabalho intitulado **Processos de criação e reflexão artística em ateliê: Grupo Pintura e Afins** abordam os preceitos e o funcionamento do grupo de extensão Pintura e Afins, que atua como espaço de estudo, prática e reflexão em torno da pintura contemporânea. Vinculado à Universidade Estadual do Paraná, Campus de Curitiba I/EMBAP, defende a ideia de que o ateliê coletivo é um lugar de produção e circulação de obras, em processo ou finalizadas, além de um campo de discussão e reflexão teórica que contribui para a produção individual. Ao longo do texto, são apresentados trabalhos e depoimentos de alguns de seus integrantes, evidenciando como essa experiência fortalece o fazer artístico e abre caminhos para novas pesquisas.

Para fechar esta seção, Taliane Graff Tomita e Elaine Schmidlin em **Vestígios de um quintal/ateliê: Encontros com as linhas do desenho**, as autoras discutem derivas cartográficas oriundas de encontros ocorridos em um quintal, o qual é compreendido como espaço de ateliê, tanto da artista quanto da professora, uma das autoras do texto. Na escrita, reverberam as sensações experimentadas naquele local, em contato com a terra e a natureza, trazendo práticas artísticas contemporâneas com o desenho, que criam linhas de conexões com a docência e, também, com a arte e a vida. Ao explorar os acontecimentos que se insinuam no quintal/ateliê e na percepção de seus imprevistos, busca-se trazer os possíveis desdobramentos para um ensino com o desenho, e não apenas sobre o desenho.

A seção dedicada a publicações contínuas da Revista Apotheke, inicia com o artigo intitulado **Entre linhas e sensações: desenhando a cidade a partir dos sentidos**, autoria de Márcio Santos Lima, Cláudia de Medeiros Lima e Cássia Bomfim Moura, no qual investigam como a percepção urbana pode ser enriquecida por esboços feitos

in loco, ampliando a experiência sensorial para além da visão e incluindo sentidos como olfato, tato e audição. Explora-se como o corpo humano capta o ambiente urbano e como as afecções influenciam o processo de desenhar. O objetivo é analisar como esses estímulos sensoriais impactam a criação de sketches de estudantes de Arquitetura e Urbanismo. A pesquisa adota metodologia qualitativa, coletando depoimentos e sketches de estudantes em atividades de observação e desenho in loco e faz uma análise psicogeográfica dos dados.

Na sequência, Luiz Sérgio de Oliveira e Giovanna Alves de Carvalho, no artigo **O brincar colaborativo como dispositivo pedagógico na educação do artista** investigam as contribuições das brincadeiras e dos jogos tradicionais brasileiros na educação do/a artista, introduzidos de maneira a enfrentar assunções consolidadas na formação desse/a artista no cenário universitário brasileiro. Tendo o curso de graduação em Artes do Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS) da UFF, Niterói, como lócus de experimentação, essas práticas pedagógicas têm sido aplicadas a partir da disciplina Proposições com Interações Humanas e Ambientais, oferecida para os/as ingressantes no curso de graduação. Com a introdução de brincadeiras e jogos como práticas coletivas, objetiva-se colocar em disputa a noção de que o/a artista necessita se manter isolado no mundo, fechado/a em seu universo próprio, como condição indispensável para o processo de criação.

Em seguida, Cristiane dos Santos Souza e Marcella Gomes Ventura apresentam o texto **Pintura e Performance: O Protagonismo da Ação Corporal nos Processos de Criação**, no qual analisam a produção da arte performática no diálogo entre corpo e artes visuais. Parte-se do entendimento de que o corpo, enquanto agente expressivo e ativo, pode desempenhar papel fundamental nos processos de criação artística, não apenas como instrumento, mas como presença que imprime gestos e intencionalidades na materialidade da obra. Em relação ao percurso metodológico, duas categorias de análise foram mobilizadas: a de corpo como suporte e corpo como mediação. Dos processos criativos observados, ficou evidenciado a força do gesto, da movimentação e da presença do corpo na construção da imagem.

Por sua vez, o texto **Profartistar e o ensino de arte na formação inicial de professores em artes visuais**, com autoria de Jordana Belem Rodrigues, Marco Aurélio da Cruz Souza e Ursula Rosa da Silva analisam a formação inicial de professores de Artes Visuais a partir do conceito de profartistar, entendido como ação pedagógico-artística que transforma a docência em expressão estética. O estudo fundamenta-se na A/R/Tografia e na perspectiva da sala de aula como obra de arte. O profartistar é apresentado como prática que integra arte, vida e educação, por meio de experimentações e vivências estéticas, capazes de sensibilizar corpos em formação e potencializar processos de ensino-aprendizagem mais críticos, reflexivos e afetivos. A metodologia adotada constituiu-se em proposições pedagógicas desenvolvidas durante estágio docente no curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas. As ações envolveram a criação de mosaicos coletivos em espaços urbanos e o uso de diários de bordo, permitindo que os estudantes registrassem percepções e sentidos emergentes das práticas. A análise dos registros revelou a

relevância das experiências estéticas para a construção de significados singulares e coletivos, despertando afetos, memórias e reflexões sobre a docência, a arte e a vida.

Fechando está seção, Fernanda Fedrizzi no artigo **Um livro, e então outros: notas de uma artista publicadora**, explora como os limites do conceito de livro pode ser desestabilizado por práticas artísticas. A autora discute as implicações práticas e conceituais das publicações *Entre uma coisa e outra* (2024), *Preposição* (2024) e *Problems* (2025), que possuem ISBNs e são catalogáveis como livros. A pesquisa adota uma abordagem prático-teórica, articulando reflexões sobre as questões do lugar e da leitura, e compreendendo a fluidez do conceito de livro quando este é criado por uma artista publicadora. Assim como, apresenta diferenças entre uma artista que publica e uma artista publicadora, reforçando a necessidade do domínio sobre os meios e processos envolvidos na produção editorial.

Já a seção dedicada a Notas de Experiência, Ananda Guimarães Alcântara e Carla Beatriz Franco Ruschmann, no artigo **Coletividade em Albers: Experimentações em Residência**, apresentam o projeto desenvolvido no contexto da Residência Artísticopedagógica da artista professora Carla Beatriz Franco Ruschmann na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), dentro do projeto idealizado pelo Programa de Extensão Estúdio de Pintura Apotheke. A Residência ocorreu no segundo semestre de 2025, a professora acompanhou as disciplinas de Processos Pictóricos (DAV/CEART/UDESC) e participou do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke no qual propôs a realização de uma pintura coletiva, composta por 25 telas, desenvolvida a partir de um exercício de Josef Albers (2009), base teórica dos encontros realizados. Dessa forma, o projeto coletivo desenvolvido buscou articular maneiras de se pensar junto o processo pictórico com aquilo que já vinha sendo estudado no grupo, a partir disso experimentando outras maneiras de organizar e experienciar a pintura.

A seção dedicada a entrevistas, inicia com o texto de Marcelo Forte, **Ateliê, arte e docência: uma entrevista com Teresa Eça**. Nesta entrevista, foram exploradas discussões sobre os processos de atravessamento de arte e docência na constituição do/a professor/a-artista a partir das experiências da entrevistada. Teresa refletiu sobre o conceito de artista menor, sobre a docência como prática artística relacional, entendendo o “estar junto” dos estudantes e da comunidade como gesto de criação, e sublinhou a importância de manter uma produção artística, para o bem-estar, a identidade e a legitimidade dos professores de arte. O diálogo evidenciou ainda como o ateliê pode se apresentar como um lugar de encontro da arte, da docência e da pesquisa.

Por sua vez, Taís Cabral Monteiro no texto **Percursos contemporâneos: entrevistas com os artistas visuais Fabio Miguez e Manuel Caeiro**, apresenta conversas que abordam procedimentos, materiais e reflexões sobre a pintura e a paisagem urbana. Não se trata de um estudo comparativo, mas de aproximações que revelam inquietações comuns em torno da cidade e da prática artística. A escolha dos artistas deriva da experiência do pesquisador e da afinidade com suas próprias questões. A cidade, suas paisagens e os processos intelectuais e materiais da

produção artística são elementos partilhados, fazendo de São Paulo, Lisboa e outras cidades espaços de criação e experimentação.

Fechando esta seção Giovana Zarpellon Mazo e Lucas Marconato, no texto **A arte desvelada na maturidade: entrevista com o artista José Carlos da Rocha** destacam reflexões do artista e pesquisador José Carlos da Rocha, doutor em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina, sobre como a arte, desvelada na maturidade, impulsiona processos de formação acadêmica e científica. O diálogo percorre sua trajetória desde a economia até a pintura, evidenciando a relevância de sua produção artística, de sua pesquisa, de sua experiência na docência e de suas contribuições para o campo da arte contemporânea e do ensino em artes visuais.

Já na seção dedicada a artigos vinculados à Iniciação Científica, Helder Santos Rocha e Bruna da Silva Araújo, no artigo **Literatura e desenho: Porto Calendário, oeste baiano e transcrição**, apresentam uma reflexão pontual sobre uma experiência de pesquisa teórico-prática sobre as relações entre a literatura e as artes visuais. Para isso, adotam a potência da leitura crítica como originária de produtos científicos, mas, também e sobretudo, de produções criativas em outras linguagens e em outras mídias, utilizando-se do conceito “transposição midiática”, de Irina Rajewski (2012). Desta maneira, empreendeu-se a leitura e a transcrição do romance ‘Porto Calendário’ (1962), de Osório Alves de Castro, na linguagem artística e na mídia do desenho sobre papel, a fim de suscitar respostas críticas e criativas sobre os diálogos interartes e intermediários envolvidos.

Fechando este volume, na seção de Ensaios Visuais, Caio Lima apresenta o ensaio **Procedimentos de montagem**, no qual investiga a montagem como elemento do seu processo artístico. A reflexão parte da imagem de uma cama formada pela junção de duas estruturas independentes, um gesto que evidencia a lógica de aproximar fragmentos para produzir novas relações visuais e simbólicas. Ao longo do ensaio, o autor examina como essa operação se desdobra em seus desenhos, pinturas e mosaicos, articulando procedimentos de justaposição, coleta de imagens e recombinação de partes díspares. A montagem é tratada como método, uma forma de construir imagens que não buscam sínteses contínuas, mas sim narrativas compostas, feitas de encontros entre elementos autônomos.

Organizadoras/es:

Taís Cabral Monteiro (UFES - Brasil)

Lilian Hollanda Gassen (Unespar Curitiba I - EMBAP - Brasil)

Fábio Wosniak (Universidade Federal do Amapá, UNIFAP - Brasil)

Jociele Lampert (Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC - Brasil)

Raony Robson Ruiz (Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC - Brasil)